

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

ABRIL

Um gaudío infinito, uma symphonia de sons e de côres, esbatidos suavissimos d'aurora, amavios dulcissimos de sentimentalismo; o rir alvissimo d'uma alvorada e a meiguice consoladora d'um arrebol rosa-chá, que se amarellece, languido e sonoro, como o ultimo adeus da namorada ao ver partir o seu amante para além da crista branca das ondas, n'um vapor emovellado de fumo e de vélas; beijos e requiebros d'andorinhas, ferir-lo a sua aza dulcissima pelos beirões dos telhados, n'um aconchego de corações e n'uma caricia de namorados; o sol refulgente, d'ouro fulvo, como os cabellos da minha amada, essa estatu ideal de carne idealisante, rósea, avelludada, com o acre perfume das violetas e das magnolias, subjectivamente conoladora e consolativamente cór d'um sonho d'esperança, é o que agora a Natureza, filha de Deus, mãe uberrima das caricias suggestivas dos prados e das flores, nos offerece, na coróla dos nenuphars, na suavidade dos regatos serpenteantes, nas folhas noviças das arvores e no perfume quente das olaias!

As olaias do meu Amor ideal, que tem os requiebros walsistas de Strauss, a melodia suavissante de Bellini, os claros ideaes de Murillo e a belleza harmonica de Raphael!

Sorri a Natureza n'uma alegria hilariante de flores.

E ella, a dama huarenta, ideal idealisante dos meus sonhos, compõe bouquets de magnolias e de jasmims, assim como quem arranca dos seus labios um sorriso todo seu, de perfumes e de caricias. Porque na meia-lua do seu collo, onde os sete estreos d'uma noite jaspeante pregaram a estrada de Sant'Iago dos luzeiros lucillantes do seu Amor cór d'aurora e lyrio, ha a suavidade trinante e melodiosa dos violinos gemendo um nocturno de Semana Sancta, e a hilaridade matutina e filial d'um hymno aureolante de madrugada oriente.

E eu sinto-me bem, sinto-me suggestionado, no meio d'este côro de suavidades, entre a suavidade d'estes hymnos, ao lembrar-me quanto Abril nos offerece de mimos, e quanto Ella me prodigalisa de Vida.

Porque a Vida, digam o que disserem os pessimistas, desde Schopenhauer até Taleirand, é uma cadeia de rosas, um laço de fita azul e branca, que se prende no cõllo da nossa amada, e que se ata ao circulo das nossas illusões.

¿Quem não vive d'illusões?

Aqui mesmo, n'esta pagina confidencial, eu sinto que a alma se me esváe em carinhos, em caricias, cariciantes dezejões, cariciosos anhelos, para ti; ó dama huarenta, que compões bouquets de violetas, tendo nos labios o melhor dos bouquets, o riso da graça, da Divina graça, o perfume das olaias, a olaia do Prazer, o Prazer do Infinito!

O Infinito Ideal, que tem as sombras suaves dos quadros de Rembrandt, e o incognoscível amovavel das almas sonhadoras...

Abril, Abril...

Rio o campo; ri a flor em botão alacritante e desabrofhante; sorri o ambiente; o sol é mais limpido, e a limpidez dos rios mais clarificante.

Ha uma tonalidade meiga, que se esbate nos corações, pondo alegrias na alma, assim como um côro de cotovias, a rir por entre os trigas, quando a madrugada toca a alvorada aureolante da Vida, entre as tintas esquisadas da tela campezina, tão verde, tão viçosa, tão meigal!

Um hymno de festa se distende pelo ceo cór d'aurora e pela aurora cór do ceo.

E só tu, ideal da minha alma sonhadora, Duvida entreterida de Dezenegãos, não sorris em flor de magnolia a humidade dos teus olhos e o vermello dos teus labios!

¿Quem te arrancou do peito a ultima esperanza?

Eu sinto, como Cátullo, que a vida é muito breve, e que, escondendo-se por detraz das cristas das ondas o sol da existencia, nós o devemos acompanhar, abraçados e enlaçados, na sua coróla d'ouro, como n'um altar christão, bebendo, haurindo, gostando, esgotando até ao ultimo raio incandescente—a incandescencia do Prazer e da Vida.

Abril, Abril!

Cantas como uma cotovia; ris como uma creanga loira; esparges luz nos campos e suavidade no horizonte; tens symphonias de luz nas madrugadas e surdinas dulcissimas de luar nas noites estrelladas!

Abril, Abril!

Mas a suavidade quente, a quentura veludinea, o riso de ouro fulvo, a doçura meiga, a meiguice consoladora, reboada de sons, harmonia de côres, esbatido alvaento e loiro—como o da minha Amada, não tens, não,

Abril, Abril!

Z. SARAWAGO

A LAGRIMA

VIVIR MORIENDO

AO JOSÉ NOVAES

Agora o Pranto amargo que me escale...
Agora a Máguia a torturar meu peito...
Agora a Sepultura—doce leito
de quem na terra vive tão debalde...

Ejutila, Ejutila, escuta a prece
que te levanto, antes que o fel da taça
em esgote,—veneno da desgraça...—
Vê que a dôr nem co' a vida se fallece.

Não dês por tuas mãos agra cicuta;
antes crava um punhal dentro d'est' alma
que a morte custa menos. Ouve, escuta:

Eu morrerei então no teu regaço.
E cre' que o amor no peito não se acalma
inda que morra aos golpes do teu braço.

DÁ MESQUITA

O VENTO...

Estamos no mar? Não. E' o vento que, assobian-
do nos telhados das casas, faz lembrar o som
agudo e estridulo que produz o tufão ao encon-
trar os mastros, as vergas, as enxarcias do na-
vio que em má hora lhe caiu sob a trajectoria.

E, para completar a illusão, as nuvens que
rastejando passam por sobre os montes, que cir-
cundam, envolvem as arvores e os campos dan-
do-lhes o aspecto d'um mar pardacento e plum-
beo que agitado pelo vento corre a despedaçar-
se com medonho, mas magestoso fragor contra
as penedias da costa.

O vento redobra, varrendo as nuvens. Deixa
ver então um espectáculo tristemente commove-
dor. Arvores que hontem se ostentavam bellas,
vicejantes, que levavam suas raizes profundas
ao seio maternal da terra carinhosa, jazem por
terra, desfolhadas, fendidas, arrancadas pelo
sôpro do tufão.

As cearas derrubadas fazem antever ao lavra-
dor um anno de fome, de miserias, d'angustias.
Elle que esperava poder mandar o filhinho para
o collegio é obrigado a desistir e pôl-o a servir.

Quando elle lamentando-se, quasi blasphemava,
amaldiçoando Deus e a sua obra, batem á
porta. Quem será? E' o correio que traz uma
carta. De quem? D'um irmão que volta feliz e
rico, e disposto a auxiliá-lo, d'um irmão que um
dia em barco veleiro as brisas conduziram ao
Brazil, esse Brazil que Cabral não nos teria da-
do sem o concurso do vento e do temporal, assim
como Colombo não teria dado ao mundo a Ame-
rica, assim como Bartholomeu Dias não teria
dobrao o cabo das Tormentas, e Vasco da Ga-
ma não teria aberto á India o caminho da civi-

lisação europea. Por isso, não maldigaes nunca
o vento; o vento que pode trazer-nos a miseria
e a morte, mas que tambem nos traz a felicidade
e a ventura.

OMBROSO

Um commerciante abi para os lados do jardim.
pôz o seguinte letreiro n'uma acha pendurada á
porta do seu estabelecimento: «\$ 20 reis bintem»

«\$ 20 reis, bintem»,
E' negocio d'estalar,
Cabe já lá o Marianno
A muitos bintens gastar.

O Costa qu'è muito esperto,
Um valente espartalhão,
Regressa já de Sevilha
E gasta meio milhão...

Isto causa muito assombro,
E fica-se abanado:
«\$ 20 reis, bintem»,
O dár tão bom resultado!

O Banco pôde fechar,
Fecha-lo permanecer,
«\$ 20 reis, bintem»,
Faz de rico apolhecer...

ZETIL.

ALBUM DA «LAGRIMA»

Lê-se n'una taboleta milagreira, no mosteiro
das Necessidades:

M. Q. Fes—N. S. Das nísidades a Hu—F.º
de João Fernandes. Da Frez.ª de Mascieira da
M.ª Tres, Vezes esteve na outra vida e o cura
apresa a darlhe A St.ª Vensam, Apegando-se
com a Sr.ª lhe deu saude—no fim de dz.º

O sr. Carlos Paes é loiro, e tem uma alma e ór
d'aurora. Aberta a generosidade, prompta se-
mpre a humanitarias acções.

Foi um dia á caça. Lebres em barda, perlices
aos cestos, tudo no melhor dos munhos possiveis.

Mas, ao pé da noite, principiou a desanlar a
rota da fortuna.

Tinham-se-lhe juntado uns companheiros d'at-
deia, com alcruzes de coiro a resguardar as
pernas do matto e muita sêle de vinho.

Trovoada. Chuva cahia potes. Ao pé do Ma-
rachão, o grande arvoredo punha sombras phan-
tasticas de medo. Depois, umas labaredas de fo-
go lambiam as arvores, e o matto, e era preciso
fugir.

A LAGRIMA

Tornava-se necessario atravessar o rio, para ir a Barca.

Mettem-se tolos dentro d'um barco, que alli estava sem dono. Mas o barco era malandro. Principiou a metter agua. Tornar para traz era impossivel. A corrente não deixava. Os lavradores comegam a gritar. Mas, quem lhes havia de acudir?

Era noite cerrada.

Então o nosso amigo atira-se ao rio com o cafiro do furão em cima do pescoço. Outro lhe segue o exemplo, e atravessam para a margem fronteira.

Alli, arrancam estacas, lançam mão de grossos ma leiros, e atiram-os para o rio, para servir de tabuas salvadoras aos naufragos.



Felizmente morreu só o furão do companheiro, por que, com o movimento da natagão, passou o cafiro para baixo do pescoço que ia sob agua...

DÁ MESQUITA

E' a segunda vez que «A Lagrima» tem a honra de publicar versos de Dá Mesquita.

Os que publica hoje são bellissimos na forma e no conceito.

Agradecen lo a Dá Mesquita a sua collaboração, «A Lagrima» deseja apertar-lhe a mão e cingil-o ao peito.

Porque assia é que se escreva.

Com talento e com arte.

O senhor de Marrancos é um grande homem, quero dizer grande da alma, porque o corpo é até regular. Tem só na cara cicatrizes profundas, que são as perduraveis medalhas das grandes guerras, porque o senhor de Marrancos foi um grande guerreiro...

Mas vamos ao caso. N'um dos ultimos dias entrou este cavalleiro no Café Mattos para se tirar d'umas duvidas de linguagem. Lançou a vista por sobre as mezas onde em plena promiss-

cidade está o dr. e o sapateiro, o muzico e o engenheiro, e descobriu um amigo semi-classico, o eis que se lhe dirige encetando com elle o seguinte di logo:

—O' sr. B.: deve dizer-se encamado ou acamado—é claro que me refiro ás pessoas que estão muito tempo de cama.

—Deve dizer-se, responde B., encamado.

—Pois olhe que não encontro um dictionario lingua que tenha palavras que principiem com a syllaba *in*. E incarrego-os de me provar o contrario.

«E quem gosta do bom melão? E' o meu irmão.»

NOTAS DA QUINZENA

Em primeiro lugar, temos de fallar do Senhor.

Não é da pessoa do leitor. E' do Senhor do Bomfim. Os moradores d'aquelle largo, porque em Barcellos tambem deram um largo ao Senhor, pediram a demolição do alpendre, onde, de noite, á luz d'um azeite mortico, lampada funeraria, parece que dorme a imagem do Eterno Soffredor. E pediram a demolição, porque o alpendre ameaçava ruina, e porque, dizi um, havia alli pela boira umas mulheres muito castas, que proferiam palavras *castissimas*, com saudades da cadeia e do sr. Barreiros, que se lambia, em tempo, pelas ditas da rua das Capellas.

A eufraria das Almas lembra á Camara que podia surgir uma revolução. E isto é serio. Uma revolução de mulheres é terrivel. Faz lembrar a Maria Fonte!

Armas não lhes faltam. A mais perigosa é a lingua. Porque a lingua das mulheres é uma espada. E as do largo do Bomfim, além das armas do St.º Estevam, servem-se de tudo.



Tamancos, pedras, vassouras... Um arsenal.

Não pensem que isto é brincadeira. O nosso reporter foi observar o campo de manobras, e viu tudo isto.

A LAGRIMA

E, além d'isto, ainda viu que as mulheres do Bomfim, além do dito, ainda tem a sua espada predilecta, a lingua, que é peor, e mais felina, do que a lingua da serpente...
E' ver.



No entanto, o alpendre deve ser apeado. O sr. Graça offerece, de graça, um canto da sua quinta para se collocar o Senhor.

E a Sampaia, visto isto, ceseusa de se amofinar, de se zangar, porque não se lhe acaba a lampada.

Ainda fica com o praso.

Pode deitar o azeite, lamber, etc. e tal, sem que nos lembremos do morecego.

*

Outro assumpto.

A Torre dos Terceiros deitou cá para baixo duas pedras da cornija, que cahiram segundo as leis do equilibrio, para a terra, na rasão directa da massa e inversa do quadrado da distancia...

Mas, como a torre é muito alta, e, cahindo, pode quebrar as pontas dos bois e das vacas, porque a feira fica perto, foram chamados immediatamente engenheiros.



O primeiro, em Pariz formado, assestou o seu óculo, um óculo grande, e, em apoio da irmandade e de toda a gente, depois de conferencias e mais conferencias, resolveu-se que a torre devia ser estacada.

Quer dizer, que se collocassem uns espeques, uma especie de tranças de virar carros de matto, e seria o bastante.

A torre não cahia.

*

No ultimo domingo choveu uma chuva copiosa. Ninguem podia sahir de casa. Apenas os carteiros e o carro do correio.

Ora, na rua Direita, temos agora uns barrancos, uns precipícios terríveis. Qualquer pobre christão se pode afundar alli. Afundar, sendo espezialmente de noite.

Pelo que lembramos á Camara a necessidade (é uma obra de misericordia) de collocar alli, em roda dos barrancos, umas grades de ferro, para que nenhum *espiritualisante* caia no abysmo.

No abysmo do charco, para depois não chegar a casa com necessidade de mudar de fato, e ter de dizer á familia que lhe deu um *accidente*...

*

As eleições de deputados correram com valentia de votos e dedicações de correligionarios.

Como a lucta foi espantosa, houve incidentes. Nem admira. Na rua Direita, encontrando-se as hostes regeneradoras com as progressistas, bateram-se em duello, espada nua, com furôr e gallardia branca!

Esteve para ser o diabo!

Por fim, houve chá e tostas, e fez-se o ACCÓRDO.

Dão-se alviçaras a quem souber do paradeiro d'um salpicão, que foi roubado ao parochio d'uma freguezia que tem por orço uma Santa, e cujos limites vão até á ponte de ferro.

O salpicão deve apparecer dentro d'um *pires*.

O' João: Não pagas uma pinga?

—Num posso. Tenho lá em casa uma porca, com doze bacorinhos, e uma mulher a tratar d'elles, o que me tem feito muita despeza!

—Mas, isso não faz ao caso.

—Faz, faz. Primeiro, a porca e os bacorinhos...

«A Lagrima» previne, para os devidos effectos, os cavalheiros a quem interessar, de que vae ter um reporter assiduo, e de critica mordaz, junto das barraquinhas da kermesse.

Aviso aos dandys, que tem estado de remissa...

Responsavel:—João G. da Silva